

a Bomba

Cristiano de Carvalho (art.)

Dirigem a manipulação

Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas — Laurindo Mendes.

Sede do Laboratório — Rua d'Alegria, 218.

Marca da fábrica — (vulgó editor) — Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraço de Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27.

OH! A JUSTIÇA...

a magistratura é o alicerce unico em que assenta a honra da Pátria. José de Arruela.



— Estás contente comigo, meu filhinho? E a propósito: quando entras?...

A Bomba

Bom seria neste lugar meio sério de *A Bomba* tratar hoje da morte do eminente dramaturgo Strindberg, que, com Bjernson, Ibsen e Grieg, forma o quarteto mais notável de grandes homens escandinavos dos últimos tempos. Mas tão grande é o nosso respeito e a nossa admiração pelo extraordinário autor do «Pai», que não queremos macular a sua memória, dele tratando apenas com meia seriedade. Temos procurado sempre para estas primeiras colunas um assunto que qualquer coisa envolva de cómico e ridículo e, por isso, á morte do grande escritor, que só representa o esforço grandioso da inteligência e o poder absorvente da grande Arte, preferimos para agora o caso das lutas entre espanhóis e portugueses conspiradores. Esse sim, que, na pujança dum cómico inextinguível, atinge ao mesmo tempo os maiores eumes do ridículo e da farça.

Rebentaram nas folhas, com todo o pomposo cerimonial das grandes noyas, os telegramas referindo incidentes de certa violência entre galegos e portugueses refugiados na Galiza. E logo, sem se olharem as causas, sem se profundarem os antecedentes, se quis ver no procedimento espanhol qualquer coisa nobre, em evidente contraste com a patifaria dos conspiradores.

Admitamos como provada a baixesa destes últimos, mas não queiramos exaltar os outros, unicamente porque o que fizeram nos serve ás mil maravilhas para desacreditarmos os inimigos do regime constituído em Portugal.

E não queiramos exaltá-los pelo motivo simples de que tão ordinários, tão falhos de senso moral e dignidade colectiva são uns como os outros.

Enquanto os conspiradores portugueses tiveram dinheiro em abundância e puderam prodigalizá-lo a todos, os seus hospitaleiros galegos a todos amimavam, encorajando-os para a luta contra os herejes républicanos, cedendo-lhes ás mulheres e ás filhas, deixando impunemente que nos seus próprios lençoes de casados vomitassem os líquidos das suas bebedeiras

e da sua luxúria. Ao governo solicitaram que os protegesse; pelos seus interesses comerciais foram conseguindo sempre que não se tomassem medidas decisivas de expulsão que, também, as autoridades não tinham vontade nenhuma de tomar. Era um novo Brasil que tinham em casa e que não estavam dispostos a deixar escapar.

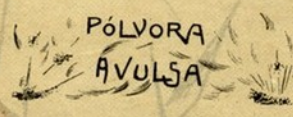
Começa, porém, o dinheiro a falhar. Diminuem as orgias e aumentam ás dvidas.

Reduzem-se as esperanças de restauração e já se diz que as colunas vão ser dissolvidas. E' tempo, então, de ser honesto e digno e capaz duma desafronta. O galego toma a peito esse raciocínio e desata a protestar.

Sobem queixas, diz-se em toda a parte que os conspiradores portugueses são uns canalhas, que seduzem menores e esposas, que fazem *escroqueries* de toda a espécie, que são já indignos da mais rudimentar hospitalidade. E, por fim, para que o brado seja mais impetuoso e mais longe se ouça, batem-se com eles, correm-os a tiro como a cães danados.

Claramente que lhes fica assim ilibada a honra e íntegro o nome. Só lhes falta abraçarem-se no fim como nos duelos.

Ha, no entanto, uma lição de moralidade a tirar destes factos: E é que, embora num falso arripio de pudor, umas dúzias de populares conseguiram até hoje mais que todas as intervenções dos governos portugueses e que todas as ordens do sr. Canalejas. E' ainda no povo que existe depositada a maior força de justiça. A questão é ele querer, a questão é nós querermos, applicando o preceito ás nossas coisas cá de dentro.



Postais políticos

Lisboa, 15

O Golpe

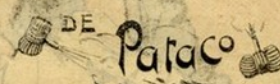
Querido Jerónimo

Cá recebi o teu postal que não me surpreendeu. Aqui não se fala doutra coisa, mas ninguem sabe ao certo o que seja isso do golpe. Os do Camacho dizem que é o Bernardino que o quer dar para não ir para o Brasil. Os do Antonio Zé dizem que é o Afonso pa-

ra proclamar definitivamente a sua intangibilidade. Os do Afonso dizem que é Camacho, Almeida e Machado Santos a firma destinada ao grande fenómeno. Como quer que seja, porém, meu caro amigo, a verdade é que isto tudo é uma corja de doídos e que dá vontade de emigrar... para Marrocos. Não se dorme descauçado com tantos boatos que correm e tantas bombas que estouram. Em toda a parte há mistérios e intrigas. O Camacho esfaqueia o Teófilo e chama-se homem de caracter e vergonha. O Teófilo atrai-se ao Almeida como a um antigo franquista, o Almeida berra que se não deve fazer politica pessoal, que se devem respeitar os homens mas que são todos uns pulhas. E o golpe, o famigerado golpe, é que serve a todos de dupla arma de defesa e ataque. Quêre-los melhores? Quêre compararmos com o tempo da outra? Olha que se chega a ter saudades do manejuim da precipua, mais da raposa da Anadia!... Confia, no entanto, em que isto há de dar uma volta.

Teu muito grato,

AMBRÓSIO,



As creadas de leite andam aterradas com a tal história da Empreza. Era tão bom estarem desempregadas!

—Tambem as amas repon-tam com a tirania de não podem saír sósinhas. A's seis, como hão de servir cabalmente?

—O Ávila da Alfândega já se ri de quem não sabe que a Prússia pertence á Alemanha. Ele até sabe que Bruxelas é a capital da Holanda!

—E quem lhe ensina é aquele sábio Viana, a quem num recente concurso muito lhe pediram que voltasse outra vez, para de novo se deliciarem com os seus altos saberes técnicos...

—Que, vamos indo, em propárias pouca gente haverá que lhe ganhe.

—Reclamamos querela contra O Mundo pela sua secção «Boatos». Não pode nem deve haver privilégios. Só para as asneiras do Celórico...

—Tem sido muito notada a falta de desastres na linha eléctrica, ha uns dias para cá. Parece que deu a doença do sono aos guarda-freios.

—Na próxima sessão camarária de 5.ª feira, o sr. Carmo deitará fala. Fazem-se convites.

—Sabemos, por informações seguras, que se trata da construção de vários jardins ambulantes e em cimento. A última ideia é do sr. Xavier, está claro.

DE LAGRIMAS

Vai largo choro no *cagoname da alta* por estarem quasi a liquidar as esperanças que ainda alimentavam de poderem voltar a beijocar a fredda do Manueisinho.

A padralhada tambem torce o foinho e já diz que o Conceiro é o maior dos biltres.

Só o sur. Canalejas é que lamenta que tão mal se compreendam em Portugal as boas intenções do seu governo, dando azo a que os conspiradores se mostrem covardes, *escrocs* e canalhas.

A Liga mexeu uma orelha e orneou. O sur. Antonio L. Gomes, que estava em casa muito descaçado, aconselhou morfina. Temos mais uns dias de ilusão.

Não ha forma de descer á sepultura aquele ignóbil espirito de farça que caracteriza a maior parte dos nossos jornalistas. Nem á mão de Deus-arrocho.

rábiar

O pontifice evolucionista, desiludido de Lisboa, todo se baba agora pelo Porto, a quem, no poder, tudo negou, até a faculdade de Letras. Já não se lembrará da *manifestação* que lhe fizeram no Francfort?

—O ex-jornalista Camacho não quer o poder nem que o matem. Até nisso se parece com a raposa da fábula! Verdes, verdes é que estão.

—Ha muito que a Liga não vota nenhum artigo. Está-se nas tintas a vêr por que cor ha de optar.

—O sur. Silva Cunha, ilustre camiseiro e importante ex-senador, vai retirar para o estrangeiro enojado com a campanha que lhe tem movido, constando-nos que escolherá a Guiné. *Chacun à sa place...*

—O sur. Ferreira Gonçalves está meio resolvido a acompanhá-lo, a ver se lá toma uma atitude definida.

—Não é certo que seja o sur. Tomás da Fonseca, muito respeitavel senador, o pai do projecto das creadas de leite e amas de servir armadas em Empreza. O projecto foi feito ha 15 anos por um seminarista do mesmo nome. Nada de confusões!

—Tenciona fazer um gesto, muito brevemente, o sur. Celestino das Colónias. Esperem e pasmem se não sair calinada.

A' Prova de Bomba



Pequenino mas tesinho. De antes quebrar que torcer. Os homens não se medem aos palmos. *Sans peur et sans reproche.*

—Consta-se-nos que a Câmara, para arranjar mais espaço na Praça, vai mandar apear o senhor D. Pedro IV, descancar a mão direita ao seu excelentíssimo cavalo e mandá-los a ambos para junto do Cristo do Repouso.

DE Dinamite

Andam os mentirosos a dizer que o partido do sur. Camacho não tem função política: —tem pelo menos esta — a de escoucear os outros.

—E diz alguém que tambem estoutra: a de procurar rehavér para o sur. Menezes a inteligência que perdeu com o cabelo. Não garantimos.

—O sur. Machado Santos foi mais uma vez herói... ficando na redacção enquanto estourava um bocado de clorato de potassa num lugar por onde tanto costumava passar ele, como um varredor, um músico, um maneta, uma *borboleta*, qualquer outro exemplar da espécie. Deve exigir nova pensão e o posto de almirante.

—Um tal sur. Luiz de Mesquita Carvalho anda escrevendo num jornal lisboeta artiguellhos vários sob o título «Quadros dissolventes». Corre parelhas este figurão com o Forjaz albino na escolha dos títulos. Um é vil, outro dissolvente. Hão-de ir longe...

—Na mesma gazeta, evolucionam creaturas como Alfredo Pimenta, Eduardo de Souza e Graça e Cruz. Já é fazer monopólio da asneira e da patifaria.

—No 2.º e 3.º trimestres as tiragens foram maiores, continuando a folha a dar lucro. Supondo, porém, o mesmo lucro do 1.º trimestre, e encurtando só a 2.ª trimestre e meio a vida do jornal da tarde, devia existir ao fim desse prazo um saldo de 2.500\$000 réis.

Não consta que a gerência (?) tenha prestado contas nessa altura. Só se sabe que, tendo mudado o jornal para de manhã, passou a chamar-se *propriedade* dum grupello, que se disse senhor de tudo: do dinheiro com que entrou e do que lá havia pertencendo aos possuidores dos títulos de 2\$500 réis.

—E soube-se mais que alguém andou a arrebanhar esses títulos, sob o pretexto de que nada valiam, para crescer em proprietário do capital e dividendo dos outros.

—Consta-nos, porém, que vai ser presente ao tribunal do comércio informação minuciosa do caso, para se apurar da profunda moralidade da questão.

A *Montanha* sempre vai melhorar sem gerente. E' questão duma peça, como a que o outro queria para o *motu-continuo*.

—Ao pessoal em dívida também já informou que está nas melhores intenções de pagar... um dia.

—Precisa primeiro de dizer umas coisas sobre as virtudes das Águas das Pedras Salgadas e depois falará.

—Quanto às acções de 2\$500 réis, com que o jornal se fundou, muito tem a esperar da campanha contra a fiscalização das sociedades anónimas.

—Entretanto, vamos dizendo o que prometemos sobre acções, títulos e propriedade.

—A gazeta começou com um capital aproximado de 500\$8000 réis, em acções de 2\$500 réis, de que só se passaram títulos.

—O jornal foi indo, sustentando-se, ganhando dinheiro, e de tal forma que ao fim de 3 mezes, além de mobiliário e tipografia, no valor de 500\$8000 réis, havia cerca de 1:800\$000 réis de assinaturas a receber. Os débitos nessa altura podiam ser de 300\$000 réis, o que equivale, deduzido o dinheiro de entrada, à existência dum lucro de 1 conto de réis.

O mestre Brandão chamou á lição um aluno. Sim, que eu preciso levar para o exame uma ideia dos alunos, diz o lente.

Arre! que já é curso livre!

—Acaba de ser descoberto af' pr's bandas da Médica que o preceito fundamental da deontologia é assistir a sessões pornográficas.

—O ferro-quinol é sem dúvida o melhor para estas doenças... provocando-as.

—Os da Médica ainda não sabem se ha exames no quarto ano.

A direcção geral sabe, mas... não diz.

Só se lh'o perguntarem em papel selado.

—Estoura brevemente uma sindicancia á Escola Médica.

Tambem é tempo. E' tiro engravado, há ano e pico...



A TUBERCULOSE DOS POBRES



O Doutor—Descanço absoluto, alimentação suculenta e ares puros, é o que lhe aconselho. Olhe lá!—Porque não vai Você até um sanatório?!...



Cartas de namôro

(Encontrada num electrico)

Querida Joana

Eu não devia tornar-te a esquecer-te. O que ontem me fizeste no Passos Manuel não é coisa que possa ficar bem a uma rapariga que como tu e tua irmã se preza de ser *chic*. No cinematógrafo fiquei por detraz de ti como muito bem viste. Andei com os pés por baixo da tua cadeira e tu desviaste os teus. Puz a minha mão por traz das tuas costas e tu inclinaste-te para a frente. Disse-te segredos e nem acenaste que sim. Tua mãe até parecia zangada com a bocalidade. Por isso o melhor é desabafares. Resolveste á última hora tomar a feição duma provinciana estúpida? Resolveste acóitar a côrte do teu primo alferes, que é ciumento como um Otelo e te não deixará um momento livre? Resolveste perder o direito ao prémio de desbragamento que ha quinze dias as tuas amigas combinaram no Jardim? Se assim é, di-lo francamente para eu saber o que hei-de fazer. Destas situações

não gosto. Tenho outra debaixo de olho que talvez me convenha. De resto, eu comeco-me a desgostar das tuas *toilettes*. O teu chapéu de ontem era o mesmo do ano passado, só com umas rosas novas. As luvas parecee que já as lavaste dez vezes. O decote era muito pequeno, a saía pouco travada, os sapatos já estalados e as meias quasi nada abertas. Olhasses para a Helena e visses como ela brilhava. Escreve para onde sabes. Só no sábado posso mandar-te o sabonete que me pediste.

Muitas saudades do teu
MÁRIO.



Dizem p'ra'i tanta léria
A tresandar de pavor
Que o bom recurso, o melhor
E' meter-se a gente em casa...
Todos os dias esuto
Boatos de tal jaez,
Que desconfoio, n'um mez,
O Porto todo se arraza!

O medo invade os penates,
Toda a gente anda aflita
E já ninguém gosa a dita
De passeiar sem receio.
Pois é tal o medo á coisa,
E' tal a desconfiança
D'essa enorme contradança
Que nos põe em duro anccio!

Ninguém suporta o furor
De farejar p'lo paiz,
Metendo em tudo o nariz
A' procura da tal coisa.
Pensam, de dia e de noite,
N'uma contra-revol'ção,
E é tanto o medo ao papão
Que ninguém dorme ou repouisa!

Na cabeça não lhes cabe
Tanta bôlha terrorista
A policia anda na pista
Da tal bomba que ha de vir...
Eu afinal, só descubro
Nessa comédia d'escacha,
A mais tremenda laracha
Que muito dará que rir!...

CLORATO.

Estilhaços.

Quais os bandidos?

Depois de Bonot, Garnier é morto com toda a ferocidade e cegueira de que só os regimes *civilizados* são capazes. Para Bonot, foram necessários milhares de espingardas e centenas de canhões; para Garnier, deram gasto a quilos e quilos de explosivos, fazendo das casas em que ambos se refugiavam repugnantes montões de escombros. Não procuraram detê-los como se detêm gente, já não dizemos pelas vias humanas, mas, ao menos, pelas vias legais. Não tentaram lutar com eles, na luta igual da coragem com a coragem, do esforço com o esforço. Sanguinariamente, o mais revoltantemente possível, atiraram-se a eles com forças mil vezes superiores e depois de os terem encarcerado e sem saída. E para lá, para os insignificantes recantos dos seus

refúgios, se deram a vomitar metralha, chamas, a devastação e a morte. Haverá nos últimos tempos mostra mais requintada selvageria? Ha verá quem duvide de que aos bandidos de Paris muito os escederam em banditismo os seus *heroicos* assassinos?—Mas, não ha dúvida de que foi na França que primeiro se festejou a célebre «Declaração dos Direitos do Homem».

A justiça dos tribunais

Empenham-se os tribunais portugueses em significar de maneira bem clara que isto de justiça dos códigos é uma treta que cada um pode modificar a seu bel-prazer, dando-lhe quantas interpretações queira.

Aparecem a julgamento indivíduos acusados de conspiradores, com mais ou menos provas, com mais ou menos testemunhos. —Não tem dúvida: pode quando muito apurar-se que, na verdade, o facto se deu, mas que não houve intenção criminosa. Não ha crime em querer subverter-se a ordem duma sociedade, usando

dos processos mais vis e mais torpes. Não pode ser, de forma alguma, censurável que meia dúzia de despeitados se lancem e procurem lançar os outros em aventuras que só podem trazer irremediáveis perturbações para esta desgraçada terra de Portugal.

Aparece, porém, no banco dos reus um desgraçado, roto e faminto, que para não morrer á míngua um dia se atreveu a meter a mão na canastra duma padeira?—A lei, o juiz o delegado, todas as bestas do foro são implacáveis na applicação da implacável lei. Prenda-se, esfole-se, enforque-se o miserável que não teve ânimo para morrer debaixo dum qualquer automóvel que o capital barrigudo lhe deitasse por cima.

Integérrimos se chama a esta alcateia de janizaros!...

—Cúmulo da legalidade—

Fazer um discurso ao juri que absolveu para que ele torne atraz e condene, por favor ao discursante.



As proezas dum Seixo

De como o autor desta redida historia, por motivos de limpeza, pôe ao sol a origem e matilhas de um famoso Seixo, cujas proezas ao adiante se verão.

CAPÍTULO I

Da forma como o calhau appareceu no meio de gente.

III

Altas horas da noite, o bom do calhau sentia-se um tanto asfiado com a pequenês da redoma e desatou a remexer-se. Virou-se para um lado, virou-se para outro e tanto fez que a redoma caiu por terra, estilhaçando-se em mil bocados, e entornando uma lamparina acesa que estava perto dela e que, por seu turno, deitou fogo a um cobertor da enxerga mais próxima. Subiram labaredas, acordou toda a população do casebre e lá se conseguiu, ao fim de muitos e fadigosos trabalhos, extinguir o incendio. Os petizes ficaram levemente enfarruscados, o João da Grade esfolou um dedo ao pegar com mais força num balde de água e o calhau é que mais sofreu, porque, não tendo, na occasião, grande agilidade de movimentos, teve de conservar-se entre as chamas alguns minutos. De aí lhe resultou o ficar com as queimaduras

que ainda hoje tem e que lhe marcam o início das suas estúpidas aventuras.

Serenado o tumulto e como era já dia, a petizada não quis mais deitar-se, formando em volta do Seixo um coro de admirações pela forma como ele parecia queixar-se das dores que sofria. Tinha pequenos retraimentos, ouviase-lhe gemidos indecisos, era um processo absolutamente novo de lamentação. Maria, cheia de ternura e carinho, faz-lhe festas; a mãe põe-lhe ao lado um copo de água para ele refrescar as arduas. E, pouco a pouco, o calhau vai-se familiarizando, tendo gestos mais claros e sons mais precisos. Está bem em caminho de se semelhar a gente... e de dar principio ás suas assás notáveis façanhas.

IV

Manhã do domingo seguinte, andava já o sol cantando linhos á natureza florida, sai toda a familia para a sagrada missinha. Os garotitos despedem-se do Seixo e todos vão com seus fatos domingueiros fingir que ouvem o incompreensível latim do senhor cura. Encontram no adro o tio Joaquim da Arruda, que lhes pergunta pelos patos, a tia Eufrazia manea que deseja saber dos gatinhos e o Tobias maluco que muito se admira de o João da Grade ainda ter força e vontade para fazer filhos na mulher, mais uma vez de barriga. Vem, porém, o Zé gaiteiro dizer que o senhor cura já foi para o altar e a conversa tem de acabar aqui. Entram na igreja o pai e a mãe, levando á frente a rapariga. Os catriãos, bem que lhes custe, entram tambem escurando o nariz ou com um dedo na boca. Muito precisa a mãe de se atrigar com eles para estarem direitos e não puxarem pelos lenços ás mulheres vizinhas.

He, missa est.—supõe-se que o reverendo assim tenha falado; mais umas

mesuras, tres *Santa-Marias* em coro, e sai a gente toda a ouvir o António da Adelaide que no cruzeiro vai cantar ao harmonio. Desfia o bom do rapaz quantas cantigas sabe. Uma mocida brejeira, que veiu de fora, pisca-lhe o olho cheio de promessas e a Adelaide, que já andava de pé atraz, atira-se a ela, prendendo-a pelos cabelos e malhando-lhe como em canteio verde. Vale-lhe o senhor cura, que aparece na occasião e tira a peccadora daquelle batuque de pancadaria para... a levar a casa dele consolá-la e dar-lhe vinho e frutas.

O barulho passa, o cantor volta a babar-se pelos olhos negros da sua namorada e, aos grupos, os habitantes da terra dizem ser tudo muito lindo. Súbito, porém, ao fim da rua nota-se grande borborinho, vendo-se que várias pessoas, homens, mulheres e creanças fazem roda em volta de qualquer coisa estranha. O João da Grade deita a correr e, uma vez chegado ao local da scena, acena aos seus para que vão depressa e deita as mãos á barriga, porque se não pode ter com o riso. O fenómeno, o assombro, a causa daquelle estupefacção toda é o Seixo, o seu calhau, que já conseguiu pernas e braços, e que se deitou pela rua fora, á procura dos protectores. Cada um pergunta esclarecimentos, as raparigas espantam-se de animal tão pequeno, e não gramam a história do aparecimento da pedra.

—Pode lá ser que um bicho desses tenha vindo dumha pedra das que falam no principio do mundo! Quem acredita em tal? Isso o mais que pode ser é o descendente de algum mancebo!

Por seu lado, o Seixo, muito apalernado e imbecil, a todos acenava que sim. Ia-se já exercitando para o culto supremo da hipercrisia em que, mais tarde, como veremos, se tornou inultrapassável.

(Continúa).



E teu marido?
Que te importa, és tu que o atraíças?
Talvez...

Rastilho dos Teatros

Sá da Bandeira—A companhia da República veiu trazer um pouco de coisa decente a este teatro. E' certo que um tal Sr. Freitas se porta de maneira a fazer corar viúvas e que as nossas Amantes (salvo seja) são mercadoria de pouco preço, mas mesmo aí a representação é admirável por parte, é claro, dos primeiros elementos da Companhia. Que também ha lá cada um, como um tal Carlos de Oliveira, que nem de graça o quereríamos em palco que nos pertencesse. Quanto ao Apóstolo, Primerose, etc. discutem-se mas não se desprezam.

Carlos Alberto—Ó da guarda contra semelhante pepineira e contra tal tão pouca vergonha. A companhia parece de barraca; a peça parece de quarto e com luz apagada. E inda anda o Galhardo a deitar suplementos á última hora. Suplemento, precisava ele no juizo, a ver se não fazia do Porto uma barraca de feira á última hora, com palhaço á porta a gritar: é entrrrar, é entrrrar. Vai prrrncipiar...

Circo de Variedades—Brevemente a grande novidade da época de verão, com actrizes nuas, banheiras de leite em gabinetes reservados, porteiros em fralda de camisa, fiscal idem, orquestra idem e até o Calderon em ceroulas. A autoridade não tem entrada para não vir cá para fora dar á lingua.

Águia de Ouro—Está aberta a...

sinatura para ópera lírica, ás escuras, por fitas. As cantoras em lugar de cantar vão para a plateia deixar-se apalpar. Tudo é negócio.

Jardim Passos Manuel.—Vão duplicar as sessões das viscondessas em atenção ao podre de chic em que últimamente se tem apresentado. Porisso mesmo e para evitar abusos, a autoridade vai mandar afixar nas diferentes paredes do edificio os principais artigos da lei da familia. Entretanto, o aparelho irá desenrolando o maior número possível de fitas com adulterios.

O *High-Life*, sempre ás topadas, vai agora para a Trindade; o *Olympia* está por horas e o *Pathé*, coitado, lá vai indo com o seu Max Linder.



Charadas adicionadas

Animal-3
ne
Universal-4

Charadas em frase

O instrumento diz ter valor na
calunia-2-2

Charadas aumentativas

Molde-2 Instrumento-2

Charadas sexuais

Ele planta e' ela mede-2-2

Combinadas

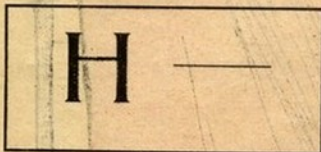
1. + melio - homem
2. + orba - instrumento
3. + dão - terra portugueza
4. + rio - metal
homem

Maçada geográfica

Formar o nome duma terra portugueza com as seguintes palavras:

E DOU RAIO DO LIVRO

Enigma tipográfico



Decifrações do n.º 4

Charadas adicionadas: Lavado, receita.—Charadas aumentativas: Flora, florão.—Charadas em frase: agarico, papagaio.—Charadas sexuais: mel.—Charadas combinadas: Ricardo.—Enigma tipográfico: asteriscos.—Maçada geográfica: Amaranite.

TRIC-TRAC.

OS PRETENDENTES



¶ Todos em côro com a respectiva música:—A pequena é minha, não a cedo a ninguém! A pequena é minha, é meu doce bem!...